

Uma hermenêutica da cultura: A construção de um universo de sentido e profundidade a partir de Paul Tillich

André Yuri Gomes Abijaudi*

RESUMO

Paul Tillich é reconhecido como o renomado “teólogo da cultura”. Não obstante, ele foi determinado em suas obras ao se dedicar a atravessar as fronteiras da religião e da cultura relacionando os dois conceitos em diversos textos de sua autoria. Tillich tem uma compreensão clara do relacionamento ideal entre a religião e a cultura, expressa no seu conceito de uma teologia da cultura. Tillich compreende o conceito de cultura como a função do espírito humano que aponta para a possibilidade criativa por meio de todas as manifestações culturais. Por outro lado, para ele, religião não é sinônimo de revelação como entendiam muitos teólogos de sua época. Ele entende o conceito de religião como *preocupação última*. Neste sentido, ele considera que a religião é a função do espírito humano que dá sentido e profundidade a todas as outras funções, inclusive a cultura. **Palavras-chave:** cultura; *preocupação última*; relação; profundidade; criatividade.

AN HERMENEUTICS OF CULTURE: THE CONSTRUCTION OF A MEANINGFUL AND DEEP UNIVERSE OF SENSE FROM PAUL TILlich

ABSTRACT

Paul Tillich is recognized as a renowned theologian of culture. Nevertheless, he was known for his works crossing the boundaries of religion and culture relating both concepts in many writings. Tillich has a clear and ideal understanding of how the relationship between religion and culture is, expressed in his concept theology of culture. Tillich unders-

* Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro da Sociedade Paul Tillich do Brasil e do Grupo de Pesquisa Teologia no Plural. E-mail: andreyuri7@hotmail.com. Currículo Lattes: <[http://buscatextual.cnpq.br/ buscatextual/visualizacv.do?id=K4315748Y3](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4315748Y3)>

tands the concept of culture as a function of human spirit that points to the creative ability through all cultural manifestations. On the other hand, for him religion is not synonymous with revelation as understood by many theologians of his time. He understands the concept of religion as the *ultimate concern*. In this sense, he believes religion is the function of the human spirit that gives meaning and depth to all other functions, including culture.

Keywords: culture; *ultimate concern*; relationship; depth; creativity.

Introdução

Paul Tillich é frequentemente chamado e referenciado como “o teólogo da cultura”. Não obstante, Tillich foi determinado em suas obras ao se dedicar a atravessar as fronteiras da religião e da cultura relacionando os dois conceitos em diversos textos de sua autoria e ao produzir uma de suas últimas grandes obras, a *Teologia da Cultura*. Nesta obra, Tillich procura demonstrar como a teologia, mesmo enquanto conhecimento humano, particular e universal, traduz-se enquanto maneira de busca pelo transcendente. A teologia de Tillich é cheia de uma intenção comunicativa e apresenta a intenção de transcender as fronteiras do pensamento, tanto o popular quanto o intelectual. Ela parte do contexto histórico e cultural e observa a construção da modernidade a partir da reflexão da vida humana em sua totalidade.

Neste sentido, o presente artigo se propõe a analisar o conceito de cultura e sua relação com o conceito de religião a partir do pensamento de Tillich. Como podem dois conceitos que no senso comum parecem tão opostos se relacionar no pensamento de um autor dos tempos modernos? Para Tillich, a cultura sem a religião é vazia de sentido. O conceito de cultura em Tillich demonstra uma qualidade multidisciplinar do espírito humano que aponta para a possibilidade criativa por meio das manifestações culturais como a ética, a política e a estética. É verdade também que Tillich não entende religião (nem mesmo o cristianismo do qual era adepto) como revelação, mas sim como *preocupação última*. Neste sentido, ele considera que a religião é a função do

espírito humano que dá sentido e profundidade a todas as outras funções, inclusive a cultura.

Esta dinâmica relação será discutida neste artigo a partir desta problematização apresentada. A intenção é que uma interpretação das dimensões da vida humana e suas ambíguas particularidades possa ser apresentada neste texto a partir desta relação conceitual de Tillich. Para compreender a relação proposta pela reflexão de Tillich, serão analisadas também, ainda que de forma panorâmica, as cisões entre a religião e a cultura que se deram ao longo da história. Assim, o objetivo do artigo é apresentar uma hermenêutica da cultura que considere não somente as questões presentes no âmago humano dos tempos modernos, mas também a história e trajetória desta relação religiosa-cultural, de forma a contribuir com a reflexão e a compreensão do que propôs Tillich.

A relação entre religião e cultura no pensamento de Tillich

Paul Tillich tem uma compreensão clara do relacionamento ideal entre a religião e a cultura, expressa no seu conceito de uma teologia da cultura. Uma teologia da cultura em seu pensamento aponta para a ideia de uma teologia que esteja em constante diálogo com as ciências e, mais especificamente, as ciências da cultura. O intuito de Tillich a partir desta noção é pavimentar o caminho para uma relação conciliadora entre religião e cultura, de forma que a teologia possa dar conta dessa profunda e marcada cisão na história do pensamento ocidental. Neste sentido, a teologia seria a “ciência concreta e normativa da religião” (SANTOS, 2005, p. 122) e, com este conceito, Tillich quer assegurar que o objeto de estudo da teologia não é “Deus” enquanto deus, porque não se pode transformar Deus em um objeto ao lado de outros; não é possível “dissecar” Deus. Além disso, ele procura, através da teologia, estreitar a distância entre a fé e a cultura de forma a possibilitar o ser humano à resistência contra a tentação de crer que apenas o físico e o material devem ser considerados como o padrão maior da civilização. Neste sentido, o fundamento da teologia da cultura está no fato de que a ontologia da cultura é um desdobramento da ontologia do ser humano enquanto ser (TILLICH, 2009, p. 19).

Segundo Tillich, o problema da cisão do diálogo acontece de ambos os lados: quando se responde aos teólogos que a religião é apenas um aspecto da vida espiritual humana, estes tendem a interromper o diálogo. O mesmo acontece quando se diz a cientistas seculares que a religião é composta de aspectos necessários e de qualidades vitais ao espírito humano e não de simples efeitos de condições psicológicas e sociológicas que são mutáveis de acordo com o contexto sócio-temporal (TILLICH, 2009, p. 39). Na realidade, para Tillich, quando analisados os dois grupos de argumentos, percebe-se que ambos demonstram um objetivo muito semelhante, embora em posições contrárias. Tanto os teólogos como os cientistas críticos, são contrários à crença de que a religião seja um dos aspectos do espírito humano, e definem a religião como a relação humana com seres divinos, cuja existência é consistentemente afirmada pelos teólogos críticos e de forma veemente negada pelos cientistas. Tillich considera que nesta realidade se encontra a raiz do problema, pois argumentar a favor ou contra a existência de Deus, não passa de mera tentativa de coloca-lo como uma coisa dentre tantas outras existentes no universo (TILLICH, 2009, p. 41).

De toda forma, Tillich demonstra que em sua opinião, a religião e o mundo secular estão “no mesmo barco”. A cisão foi apenas ocasional e nunca deveria ter acontecido, porque ambas se fundamentam na religião em seu sentido supremo, ou seja, na experiência da *preocupação última*. Tillich considera que na medida em que essa realidade é percebida, a tendência é que os conflitos entre religião e o mundo secular possam desaparecer e que essa unidade possa redescobrir seu verdadeiro lugar na vida espiritual do ser humano, em seu sentido total de profundidade: concedendo substância, significado último, poder de julgamento e coragem criadora para todas as funções do espírito humano (TILLICH, 2009, p. 46).

Em seus relatos pessoais, Tillich descreve suas expectativas e sua militância – junto de outros pensadores de sua época – para produzir a ideia de uma “cultura teônoma”, isto é, de acabar com as contradições existentes entre os domínios da cultura e da religião por meio do pensamento teológico-filosófico. Em seu contexto, segundo ele relata, as igrejas haviam rejeitado a autonomia secularizada da cultura moderna; os movimentos revolucionários, por outro lado, recusavam a hetero-

nomia transcendental das igrejas. Os dois lados rejeitavam, em última instância, elementos nos quais viviam (TILLICH, 1992, p. 84).

No pensamento de Tillich, as palavras autonomia, heteronomia e teonomia, remetem a conceitos que buscam responder a questão do *nomos*, a lei da vida, de três diferentes maneiras: a autonomia afirma o ser humano como portador da razão universal e fonte de medida da cultura e da religião – ele é sua própria lei. A heteronomia coloca o ser humano como incapaz de agir segundo a razão universal e, por isso, deve se submeter a leis estranhas e superiores a si mesmo. Por último, o conceito de teonomia afirma que a lei superior é, ao mesmo tempo, a lei inerente ao ser humano, mas baseada no fundamento divino que é o próprio fundamento do ser humano: a lei da vida transcende o ser humano, embora esta seja, ao mesmo tempo, sua própria lei (Cf. TILLICH, 1992, p. 82-89). Tillich afirma que estes três conceitos devem ser considerados quando se pensa na relação entre religião e cultura, como se pode ver:

Aplicando estes conceitos à relação entre religião e cultura, chamamos de autônoma a cultura empenhada em criar formas de vida pessoal e social sem qualquer referência a algo supremo e incondicional, seguindo apenas as exigências da racionalidade técnica e prática. A cultura heterônoma, por sua vez, submete as formas e as leis do pensamento e da ação ao critério da autoridade da religião eclesiástica e da política quase religiosa, mesmo ao preço de destruir as estruturas da racionalidade. A cultura teônoma expressa nas suas criações a preocupação [última] e o sentido transcendental não como algo que lhe seja estranho, mas como seu próprio fundamento espiritual. “A religião é a substância da cultura e a cultura, a forma da religião”. Podemos dizer que esta frase define com precisão o que entendemos por teonomia. (TILLICH, 1992, p. 85)

A afirmação de Tillich de que a religião é a substância que dá sentido à cultura e a cultura é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião, significa que cada ato religioso é também um movimento da alma formado culturalmente. Esta afirmação é argumentada por Tillich a partir do conceito da linguagem, considerada como a criação cultural mais básica da vida espiritual humana, seja ela falada ou silenciosa. Para ele, toda criação cultural acaba, em algum sentido, expres-

sando a *preocupação última* (TILLICH, 2009, p. 83). A linguagem concede ao ser humano o poder de se comunicar em um mundo em correlação com um eu completamente desenvolvido. O ser humano possui linguagem porque possui um mundo e, possui um mundo porque possui linguagem. Em outras palavras, o poder da linguagem é demonstrado na possibilidade de sua criatividade cultural (Cf. TILLICH, 2014, p. 518-520).

Estas distinções possibilitam, no pensamento de Tillich, a criação de uma análise teônoma da cultura, ou do próprio conceito de uma teologia da cultura. A religião não deve ser tratada como alheia ou como objeto estranho à cultura e vice-versa. Nenhuma criação cultural consegue esconder seu fundamento religioso ou sua formação racional. Para Tillich, a religião revela a profundidade da vida espiritual, encoberta, de forma geral, pela poeira da vida cotidiana do ser humano. A religião dá a experiência do sagrado, intangível, tremendamente inspirador, significado total e fonte de coragem suprema. Essa é a glória da religião. Por outro lado, ela pode se transformar em vergonha quando, de forma absoluta, despreza o mundo secular; quando faz dos seus mitos e doutrinas, das suas leis e dos seus ritos, dimensões indiscutíveis e persegue aqueles que negam se submeter às suas verdades (TILLICH, 2009, p. 45). Neste sentido, Tillich propõe que:

[...] Se afirmamos que a cultura é o nível em que o ser humano cria a si mesmo, enquanto, na religião, ele recebe a automanifestação divina, o que confere à religião autoridade última sobre a cultura, inevitavelmente surgem conflitos destrutivos entre religião e cultura – como demonstra a história. A religião como nível superior tenta controlar a cultura ou algumas funções culturais, com a ciência, a arte, a ética ou a política. Esta supressão das funções culturais autônomas provocou reações revolucionárias em que a cultura tentou absorver a religião e sujeita-la às normas da razão autônoma. (TILLICH, 2014, p. 478)

Por isso, a religião não deve se portar como se ocupasse um nível superior ao da cultura ou mesmo se posicionar como mediadora das funções culturais. O que impede que a religião se torne em autoridade última nos assuntos referentes à cultura? Neste sentido, a ideia de uma teologia na cultura no pensamento

de Tillich é de que a teologia deve colocar-se contra essa duplicidade e essa tensão duradoura. A teologia deve se comportar como a ciência que faz a mediação entre a cultura e a religião de forma que ela se aplique não somente à ética, mas a todas as funções da cultura, reconciliando estas funções e servindo ao seu propósito de conferir sentido de reconciliação e unidade (SANTOS, 2005, p. 124).

Tillich pensa em uma teonomia da cultura como a possibilidade de impulsionar uma cultura autônoma, sem uma imposição normativa da religião, mas que ao mesmo tempo possa dar transparência e profundidade. Uma teonomia da cultura, como impulso interior, não se caracteriza como uma imposição, tal qual faria uma cultura heterônoma. Desta forma, a religião teria a capacidade de resgatar o sentido mais fundamental de profundidade da cultura, enquanto resposta onipresente à exigência do próprio espírito humano de instituir essa totalidade una e complexa como se faz a cultura. Por isso, a unidade da religião e da cultura como uma unidade do incondicionado e do condicionado é a verdadeira fórmula para uma relação autêntica. A teonomia é o nome que se dá a essa unidade como o cumprimento de todas as formas culturais a partir da apropriação do incondicional¹ (TILLICH, 1973, p. 74).

As considerações feitas por Tillich a respeito do relacionamento entre a religião e a cultura, apontam também que não há separação entre o sagrado e o secular. Essa é uma das consequências do conceito existencial de religião, quando esta passa a significar o estado em que o ser humano é tomado pela *preocupação última*. Contudo, a história mostra que a tendência é que o secular se torne independente e, em oposição, o mesmo acontece com a religião (TILLICH, 2009, p. 83). Para Tillich, essa é a si-

1 Para Tillich, nesses termos, o “Incondicionado” ou “algo incondicional” não significam necessariamente um ser, nem o mais alto ser e nem mesmo Deus. Deus é incondicionado e, por isso, é Deus, mas o “incondicional” não é Deus. A palavra “Deus” está repleta de símbolos concretos que expressam a *preocupação última* remetendo ao fato do ser humano ser tocado por algo de forma incondicional (o que nos remete ao conceito tillichiano de fê). Mas esse “algo” não é simplesmente uma coisa, mas o *poder de ser* no qual todos os seres participam. (Cf. TILLICH, 2009, p. 62)

tuação que demonstra com clareza a alienação do ser humano e, a existência de algo como a religião, se torna na prova mais cabal da queda humana. Entretanto, isso não significa que a religião deveria ser eliminada pelo secular e nem o contrário. Mas comprova a condição humana a respeito de sua alienação existencial.

Outro conceito que perpassa o relacionamento da religião e da cultura, na opinião de Tillich, é a moralidade. A moralidade faz parte dessa natureza essencial e, juntas, elas constituem a unidade do espírito, onde os elementos podem ser distinguidos, mas não separados. A cultura fornece os conteúdos da moralidade, os ideais concretos e as leis que regem a sabedoria e a ética. A religião confere à moralidade o caráter incondicional do imperativo moral, o alvo moral último, a reunião do que está separado. Nesse relacionamento, a cultura se apresenta como a criação de um universo em sentido de *teoria e praxis*.

A religião pode ser definida como a autotranscendência da vida sob a dimensão do espírito. É esta definição que possibilita o vislumbre da unidade essencial de religião com cultura e moralidade e, ao mesmo tempo, explica as ambiguidades das três funções em sua separação. O elemento religioso na cultura é a profundidade abundante de uma criação genuína. Isso retorna novamente ao conceito de Tillich de que o fundamento da cultura é a religião. Ela é o elemento que concede a noção da *preocupação última*, da qual carece a cultura. A religião como autotranscendência da vida se relaciona essencialmente com a moralidade e a cultura. Não é possível autotranscendência se a dimensão da *preocupação última* for ignorada neste relacionamento de criação e sentido em cada ato cultural (TILLICH, 2014, p. 552-553). E na unidade essencial destes três conceitos, não existe ato cultural que não seja, ao mesmo tempo, um ato de auto-integração moral e de autotranscendência religiosa.

Para Tillich, a definição de religião como autotranscendência da vida, deveria significar a não existência de religião, individual ou organizada, como função particular do espírito. Todo ato da vida deveria em si mesmo apontar para além de si, e nenhum ato especificamente religioso deveria ser necessário. A religião é a consequência da alie-

nação do ser humano em relação ao fundamento do seu ser², e de suas tentativas de retornar a ele (TILLICH, 2014, p. 830). Contudo, o problema surge quando o âmbito do espírito, como todos os outros âmbitos da vida, passam pela profanização que resiste à autotranscendência. Neste sentido é que a moralidade e a cultura, na separação existencial da religião se tornam naquilo que comumente se chama de “secular” (Cf. TILLICH, 2014, p. 554-555).

Estes três conceitos são na realidade, para Tillich, três funções da vida sob as dimensões do espírito. Por isso, em sua compreensão, é necessário que exista unidade entre religião, moralidade e cultura, pois esta é a natureza essencial do ser humano que foi desintegrada pelas condições da existência. Essa unidade pode ser recriada por aquilo que Tillich denomina de Presença Espiritual, na medida em que esta luta contra as ambiguidades da vida se torne efetiva nos grupos religiosos e seculares. Essa Presença Espiritual não cria uma entidade separada que deve ser recebida por determinado grupo, mas ela se apropria de toda a realidade, de cada função e situação. Ela se torna na profundidade de todas as criações culturais e as coloca numa relação com seu fundamento e sentido último. É a partir da Presença Espiritual que a relação essencial entre religião e cultura pode, enfim, se concretizar. Mas essa relação essencial é utópica. É escatológica. O ser ainda está sujeito às ambiguidades da vida, bem como estão a religião e a cultura.

Contudo, mesmo experimentando a vida de forma fragmentada e com a presença das ambiguidades, Tillich considera que a distância entre religião e cultura termina quando a religião deixa de ser considerada como mero sistema de símbolos, ritos e emoções, dirigidos a um ser supremo e se entrega ao seu caráter essencial como *preocupação última*. Este é o estado em que o ser humano pode passar a ser tomado por algo incondicional, sagrado e absoluto, ao mesmo tempo em que concede seriedade e profundidade à cultura, usando de sua liberdade

² Para Tillich, o fundamento do ser é o ser-em-si. Deus é o ser-em-si, o fundamento da estrutura ontológica do ser, a afirmação absoluta e, assim sendo, nunca se submete à estrutura do ser. Ele é o “fundamento da estrutura ontológica do ser sem, no entanto, se submeter a essa mesma estrutura”. É também “o poder de ser em tudo e acima de tudo, o poder infinito de ser” (TILLICH, 2014, p. 242). Como ser-em-si, Deus está além da oposição entre o ser essencial e o ser existencial e, portanto, não participa do não-ser. Ele é anterior à ruptura que caracteriza o ser finito e, por isso, neste sentido, ele é a resposta à questão implícita na finitude humana.

criativa para criar uma cultura religiosa própria a partir da realidade cultural já existente³ (TILLICH, 1992, p. 87).

A função social da religião e da cultura na dimensão da vida humana

O pensamento de Tillich parte do pressuposto ontológico referenciando a noção de cultura como capaz de ir além de uma descrição fenomenológica da vida cultural enquanto formuladora de sentido. Ao conectar uma compreensão de cultura ao conceito ontológico de vida, Tillich abre o horizonte para que se enxergue este relacionamento além das distorções presentes na dimensão religiosa e em sua busca por sentido, quer seja nas funções da estética, política ou da própria cultura. Por isso, uma análise da cultura precisa considerar toda a distorção de sentido e interferência como sintomas do conflito ainda existente com a religião por causa da alienação existencial do ser humano e da ruptura entre essência e existência que determina toda a vida.

Não é de se assustar que frente ao caráter heterônomo da religião a unidade essencial da cultura se posicione ferrenhamente em oposição. O objetivo de uma unidade entre religião e cultura deve ser o de conceder um universo de sentido a todas as funções do espírito humano. Assim, a tarefa da teologia não pode se ocupar somente de se tornar a ciência normativa da religião, mas precisa dar expressão à atitude religiosa – enquanto *preocupação última* – que está presente em todas as atividades culturais e suas funções como a moral, a estética e a política. A religião enquanto realidade histórica se serve das criações culturais tanto na *theoria* quanto na *praxis*, que são atividades do espírito humano e entre as quais não há oposição, mas sim uma correlação de determinação mútua.

Tillich apresenta o conceito de cultura como a função de autocriatividade do espírito humano. Assim, a cultura é a função da vida responsável pelo crescimento da dimensão do espírito através de uma assimilação constante dos conteúdos e das experiências

³ Assim, para Tillich, se reduz o contraste entre religião e cultura à dualidade da cultura religiosa e secular no qual diferentes elementos irão transitar entre elas.

do encontro do ser humano com suas situações concretas (SANTOS, 2005, p. 133). Esta assimilação da experiência de mundo se dá através da polaridade ontológica “dinâmica e forma”, pela qual a cultura, se mantém, ao mesmo tempo, receptiva a novos e diferentes encontros com o mundo (dinâmica) e concede a estes conteúdos assimilados uma forma concreta⁴. Além disso, Tillich entende que nesta polaridade entre dinâmica e forma, a linguagem insere na base da cultura a polaridade ontológica atuando na dimensão da moralidade. Também, conforme mencionado, a linguagem é a criação cultural mais básica da vida espiritual humana. Ela se encontra na pergunta por sentido em cada encontro em que a realidade expressa é articulada, de modo que esta realidade encontrada seja universalizada. É por meio da linguagem que a cultura se fundamenta como o suporte comunicacional através do qual o encontro eu-mundo toma proporções de participação do eu com o outro.

Além disso, Tillich é enfático quando trata da realidade ambígua da vida como a mistura dos elementos essenciais e existenciais. Para ele, essa ambiguidade se torna ainda mais nítida na linguagem, onde os sentidos que ela afirma não são nem objetivos e nem subjetivos, mas sim uma mistura de ambos que se concretizam objetivamente e subjetivamente separando mente e realidade. A cultura enquanto função do espírito humano responsável pela criação precisa ser compreendida para além das ambiguidades da vida, mas a partir de sua relação com a religião, responsável por conceder sentido último à vida. Esta relação precisa estar cons-

⁴ Neste aspecto pode-se observar também que as ambiguidades da cultura nascem desta dupla tarefa entre a função criativa e a forma concreta, onde a cultura precisa necessariamente transgredir a concreticidade da forma na qual se encontra. Entretanto, para além dessas ambiguidades e, como em todas as outras funções da vida humana, uma unidade não-ambígua é almejada. Na cultura, esta busca se torna mais explícita atuando em cada ato de assimilação de elementos novos colhidos na experiência do mundo. Além disso, para Tillich, as ambiguidades da cultura se dão ainda em três momentos, abrangendo o conhecimento, a linguística, a estética, a transformação técnica, pessoal e comunitária. Em todas estas funções culturais, ele compreende, há demonstração de como as ambiguidades estão enraizados no conflito básico entre subjetividade e objetividade, colocando-as sobre sua base ontológica (Cf. SANTOS, 2005, p. 132-137).

cientemente presente na reflexão e em posse do ser humano que se depara com a contemporaneidade e o mundo secular.

Tillich entende que para realizar seu destino, o ser humano precisa estar de posse de processos criativos. A criatividade tornou-se qualidade humana e, por isso, não mais se pensa no conflito entre o que somos essencialmente e a nossa realidade cotidiana, com nossa alienação existencial. Para ele, a morte e a culpa foram banidas até mesmo na pregação a partir do início da sociedade industrial. Era preciso esquecê-las para que não interferissem na conquista progressiva da natureza, fora e dentro dos seres humanos. Assim, apesar de todas as falhas do ser humano, não há mais espaço para que seja considerada a noção de pecado, seja em nível pessoal ou universal (TILLICH, 2009, p. 85).

A partir da identificação das funções culturais com sua responsabilidade criativa na dimensão da vida do espírito humano, o conceito de cultura em Tillich se demonstra fundamental enquanto se propõe à realização de um universo de sentido que oferece uma perspectiva de unidade e de síntese para a análise da atividade humana. Esta interpretação se torna possível, a partir do pressuposto ontológico no qual a noção de cultura demonstra-se capaz de atravessar o conceito de uma simples descrição fenomenológica da vida cultural e se propõe a uma autorreformulação de sentidos em suas mais variadas expressões.

Entretanto, se torna necessário reafirmar a unidade essencial da cultura contra qualquer caráter heterônomo da religião. O critério pragmático para que a relação entre religião e cultura seja capaz de trazer interpretações válidas para a vida humana é o critério da própria vida. Uma vez que a vida, sob a dimensão da cultura, se autocria, ela não precisa transcender a vida em detrimento da vida para encontrar estes critérios. Neste sentido, implica também a compreensão de Tillich a respeito da autotranscendência, onde um transcender da vida não tira o ser humano dela. Mas a autotranscendência representa um transcender da vida permanecendo nela e, encontrando nela mesma, em sua profunda e suas estruturas, uma natureza essencial que lhe seja fonte de normas, valores e verdade, retomando também o conceito da

teonomia. A teonomia diz respeito à exigência da própria cultura por unidade e sentido. Assim, essa relação entre a religião e a cultura propõe uma interpretação dessa normatividade inerente à cultura, ou seja, sua profundidade que lhe é proporcionada pelo caráter religioso. A compreensão de uma teologia da cultura no pensamento de Tillich abrange o que se entende por interpretação da situação histórico-cultural. Por sua qualidade hermenêutica, a teologia da cultura assegura ao caráter teológico seu lugar na fronteira com a cultura colocando-se na interface com diferentes cultivos de saberes, gostos, usos e costumes como parte de sua tarefa e vocação (SANTOS, 2005, p. 141).

As conquistas intelectuais e científicas, as técnicas do tempo e do espaço são consideradas caminhos para a união da humanidade. Esta é a realidade em que se encontra o mundo contemporâneo. As estruturas demoníacas da história e os conflitos de poder nas realizações e conquistas são considerados como meros impedimentos preliminares, negando seu caráter absurdamente trágico. No mundo moderno, o universo toma o lugar de Deus como *preocupação última*. Os seres humanos assumem o centro do universo no lugar do Cristo. E assim se pavimenta um caminho que não mais espera o Reino de Deus anunciado pela fé cristã, mas sim a realização da paz e da justiça na terra (Cf. TILLICH, 2009, p. 84-88). Como teólogo cristão, Tillich enxerga nesta realidade um problema, uma vez que a dimensão da profundidade, tanto do divino como do demoníaco, desaparecem dessa sociedade cujo único espírito válido é o industrial, manifesto no estilo de suas criações tecnológicas e avanços científicos. Sem a profundidade da religião, a cultura contemporânea é uma porta fechada, se torna vazia. Mas a partir da relação religiosa-cultural, recebe-se chave para a revelação da situação humana tanto no mundo presente como no universo.

A cultura é a forma da religião e, como mencionado, este fato se torna óbvio a partir da linguagem que ela usa. Toda linguagem resulta de inúmeros atos de criatividade cultural. Todas as funções da vida espiritual humana baseiam-se no poder da linguagem, tanto falada quanto silenciosa. A linguagem expressa a liberdade

humana. Por outro lado, o humanismo religioso e secular, e o desenvolvimento desses mundos, determina o desenvolvimento da linguagem. Mudanças culturais ocorrem impulsionadas pela dinâmica interior da própria cultura. Se não há sentido supremo, isto é, participação da religião nesta dinâmica, há um esvaziamento da força cultural. A cultura vazia recai no problema da finitude humana.

É verdade que o ser humano está sempre se deparando com sua realidade finita. A interpretação histórica e dialética da relação entre religião e cultura secular demonstra essa realidade. Neste sentido, os símbolos tem importante papel na descoberta da realidade humana que é finita, mas também na possibilidade de autotranscendência a partir da função religiosa, como afirma Tillich:

Os símbolos religiosos valem-se da realidade finita para expressar a nossa relação com o infinito. Mas essa realidade finita que utilizam não é simples meio arbitrário para se chegar a determinado fim, algo que lhe seria estranho; ela participa no poder da realidade suprema a que se refere. Os símbolos religiosos têm sempre dois lados. Expressam não só a coisa simbolizada, mas também o elemento empregado nessa simbolização. [...] Se for um símbolo criado pelo acaso, pode muito bem ser substituído por outro; na verdade, nem pode ser chamado de símbolo, mas de metáfora. Esta situação aparece nas culturas secularizadas onde salvação religiosa e cura médica existem separadas. Numa cultura teônoma, a cura expressa a salvação e, conseqüentemente, pode vir a ser genuíno símbolo do poder salvador da realidade suprema. [...] O símbolo, assim, nunca é arbitrário. (TILLICH, 1992, p. 89-90)

As relações humanas baseiam-se numa preocupação comum, mas suprema, que lhes permite a edificação mútua. A personalidade foi apontada pelo moderno humanismo religioso e secular como o ideal mais acentuado a ser alcançado e desenvolvido. É verdade que o ser humano está sempre se deparando com sua realidade finita. A interpretação histórica e dialética da relação entre religião e cultura secular demonstra essa realidade. Neste sentido é que Deus é simbolicamente descrito como a pessoa em quem todas as perfeições e utopias humanas são realizadas. Neste sentido, o símbolo se desintegra e acaba sendo abandonado. Quando Deus é transformado em pessoa, ou na compreensão

de Tillich, quando o ser-em-si perde o poder simbólico sob a influência do nominalismo, torna-se objeto de um sujeito para ser calculado e controlado. Deus deixa de ser divino (TILLICH, 1992, p. 90-92).

Neste sentido, é preciso retomar a importância dos símbolos e sua validade na dinâmica relação religiosa-cultural. Os símbolos participam na tarefa religiosa de conceder profundidade a todo ato criativo e, portanto, de dar sentido às formas culturais. Uma cultura teônoma, apesar de utópica, o genuíno poder do símbolo aponta para o fim da tensão com a religião. Não há motivo para se vivenciar uma cultura vazia, cujas portas permanecem fechadas e carentes de sentido sem poder responder às inquietações da vida humana. Também não há razão para se experimentar religião sem a qualidade criativa proveniente da função cultural. A religião deve retomar o seu lugar como *preocupação última*, concedendo profundidade e sentido a todas as outras funções do espírito humano. Os símbolos não podem ser esquecidos e seu poder não pode ser negligenciado nessa tarefa da autotranscendência. Assim, uma cultura teônoma se torna em uma cultura repleta de criatividade, profundidade e sentido, participando efetivamente e construtivamente nas dimensões da vida humana.

Conclusão

Após esta análise das reflexões de Tillich sobre a relação entre religião e cultura, é possível estabelecer algumas conclusões. Primeiro, vale ressaltar novamente que Tillich aponta que a cultura é a forma da religião e a religião é o que dá sentido e profundidade às expressões culturais. É verdade que como demonstra a história, muitas vezes a cultura foi subjugada ao caráter heterônomo da religião que exigia obediência total à sua palavra considerada como verdade absoluta e incontestável. Esta tensão trouxe consigo muitas crises destrutivas ao longo da história da humanidade e, por isso, não é este o caminho que Tillich aponta quando se refere a um relacionamento entre cultura e religião.

Tillich é um pensador preocupado com a vida humana. Para ele, a religião não deve ser compreendida como função especial do espírito humano e tampouco demonstrar somente o seu caráter normativo, mas principalmente deve retomar o seu lugar como

preocupação última, a função do espírito humano que dá sentido e profundidade a todas as outras funções. Nesta retomada, o valor dos símbolos não pode ser esquecido e seu poder na tarefa da autotranscendência humana não deve ser ignorado. A autotranscendência para Tillich representa um transcender da vida permanecendo nela e, encontrando nela mesma, em sua profundidade e suas estruturas, uma natureza essencial que lhe seja fonte de normas, valores e verdade. Neste sentido se retoma também o conceito da teonomia tão fundamental para a reflexão sobre esta relação religiosa-cultural apontada pelo autor.

Na proposta de Tillich, o critério pragmático para que a relação entre religião e cultura seja capaz de trazer interpretações válidas para a vida humana é o critério da própria vida. Desta forma, a cultura enquanto função do espírito humano responsável pela criação precisa ser compreendida para além das ambiguidades da vida. Ela precisa retomar sua relação com a religião, responsável por conceder sentido último à vida. Esta relação precisa estar conscientemente presente na reflexão e em posse do ser humano que se depara com a contemporaneidade e o mundo moderno. A linguagem é também poderoso instrumento de criação e considerado por Tillich como o mais básico elemento de criatividade presente no espírito humano. É por meio da linguagem que a cultura se fundamenta como o suporte comunicacional através do qual o encontro eu-mundo toma proporções de participação do eu com o outro.

Por último, observa-se que ainda que este relacionamento apontado por Tillich pareça apresentar um caráter utópico, suas considerações não devem ser ignoradas. Para isso, é preciso considerar a função da religião não a partir de seu caráter heterônomo e normativo, mas, como apontou Tillich, a religião deve ocupar o seu lugar na vida humana enquanto *preocupação última* para conceder sentido e profundidade às demais funções do espírito humano, bem como às manifestações culturais através de uma marcante criatividade traçada na história.

Referências

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A Dupla Face: Paul Tillich e a ciência moderna**. São Paulo: Loyola, 2008. 302p.

MARASCHIN, Jaci. A linguagem ontológico-existencialista de Tillich. **Estudos de Religião** – Paul Tillich: Trinta anos depois, São Bernardo do Campo, ano X, n. 10, p. 11-36, jul. 1995.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Pode a fé tornar-se idolatria?** A atualidade para a América Latina da relação entre reino de Deus e história em Paul Tillich. Rio de Janeiro: Instituto Mysterium; Mauad X, 2010. 134 p.

SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. A Teologia da Cultura. In: **Fronteiras e Interfaces: O pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar**. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 121-141.

TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. Tradução: Egle Malheiros. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 146 p.

_____. **A Era Protestante**. Tradução: Jaci Maraschin. São Paulo: IEPG, 1992. 332p.

_____. **Dinâmica da fé**. Tradução: Walter O. Schlupp. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985. 87 p.

_____. **Teologia da cultura**. Tradução: Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. 272 p.

_____. **Teologia Sistemática**. 7. ed. São Leopoldo: EST & Sinodal, 2014. 868p.

_____. **What is Religion**. Translated by James Luther Adams. New York, Evanston, San Francisco, London: Harper and Row, 1973.